

## O levante comunista de 1949 em Fernandópolis, noroeste paulista: memória, luta pela terra\*

*Vagner José Moreira*<sup>1</sup>

A versão oficial e hegemônica para o movimento social de trabalhadores, comumente conhecido como levante comunista de 1949, é limitada à ocorrência de determinados eventos na noite aprazada de 23 para 24 de junho do ano de 1949, tradicionalmente de festejos de São João em Fernandópolis, na região Noroeste do estado de São Paulo. De acordo com essa memória, a data foi escolhida para dar início à “revolução agrária” e “comunista no Brasil”. No processo criminal que indiciou os trabalhadores no levante comunista, afirma-se que o movimento tiraria da miséria os trabalhadores, eliminaria a injusta condição social reinante no país e, por fim, o absolutismo dos patrões, a escravização, ganância e a exploração dos intermediários. Ainda se declarava a inutilidade de se trabalhar para outrem, a distribuição gratuita da terra e encerrar de vez as ações imperialistas no país<sup>2</sup>. Essa é uma dentre as muitas versões

---

\* DOI - 10.29388/978-65-6070-080-2-0-f.195-221

<sup>1</sup> Doutor em História Social pela Universidade Federal de Uberlândia – UFU, pós-doutor em História Social do Trabalho pela Universidade Estadual de Campinas – Unicamp. Professor associado na Graduação em História e no Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste, vinculado ao Laboratório de Pesquisa Trabalho e Movimentos Sociais.

<sup>2</sup> PROCESSO CRIME n. 140, de 1949. Comarca de Votuporanga-SP. O inquérito policial foi instaurado pelo Departamento de Ordem Política e Social (DOPS). O processo criminal pela Justiça Pública do Estado de São Paulo, Comarca de Votuporanga, criminalizou mais 40 trabalhadores. Com a numeração justaposta ao inquérito policial, o processo criminal totaliza 762 folhas.

para o movimento social dos trabalhadores de 1949, em Fernandópolis<sup>3</sup>.

As disputas em torno dos sentidos do passado revelam dimensões das contradições vividas, das relações dominantes de poder e da luta de classes. O processo de ocultação histórica de experiências sociais dos trabalhadores, nos seus diversos movimentos de luta por transformações sociais, em particular a luta pela terra – reforma agrária –, tem sido utilizada na composição de um saber histórico dominante – hegemônico. As versões narrativas do movimento de trabalhadores de junho de 1949, o levante comunista, estão marcadas por disputas em torno dos sentidos da memória, cujo processo histórico vivido é significado, por vezes, pelo esquecimento ou a recusa em lembrar-se desse passado, bem como pelo “medo” que o movimento provocou junto à “população da cidade”. Versões sobre a “ameaça comunista” parecem povoar as memórias de muitos. Por outro lado, reminiscências sobre o movimento de 1949 relacionam as lutas dos trabalhadores nas décadas de 1940-50 às lutas pela terra promovidas pelos trabalhadores rurais sem-terra das últimas décadas. Esse fato relevante se constitui como indício e evidência experiências vividas que não podem ser reduzidas a um “movimento comunista de revolução agrária” ou apenas levante comunista<sup>4</sup>.

---

<sup>3</sup> Cf. MOREIRA, V. J. **O levante comunista de 1949**: memórias e histórias da luta pela terra e da criminalização dos movimentos sociais de trabalhadores no Noroeste paulista. Cascavel, PR: EDUNIOESTE, 2012.

<sup>4</sup> Sobre a perspectiva teórica para a discussão dos sentidos do passado e da memória, cf. HOBSBAWM, E. J. **Sobre história**. Tradução de Cid Knipel Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1998; GRUPO MEMÓRIA POPULAR. **Memória popular: teoria, política, método**. In: FENELON, D. R. *et al.* **Muitas memórias, outras histórias**. São Paulo: Editora Olho d’Água, 2004. KHOURY, Y. A. Historiador, as fontes orais e a escrita da história. In: ALMEIDA, P. R.; KHOURY, Y. A.; MACIEL, L. A. (Orgs.). **Outras histórias: memórias e**

De fato, os movimentos sociais de trabalhadores que ocorreram naqueles tempos no campo podem ser descritos e interpretados como levantes de trabalhadores na luta por direitos trabalhistas, contra as relações sociais de exploração a que estavam submetidos, em alguns momentos, como movimentos de luta pela terra. Durante as décadas de 1940-60 foram intensas e o debate em torno da reforma agrária, envolvendo sujeitos diversos, tais como, os trabalhadores rurais, a Igreja Católica, o Partido Comunista do Brasil (PCB) e o Congresso Nacional. Na região de Noroeste paulista, muitos foram os conflitos em torno da posse pela terra<sup>5</sup>.

A construção histórica e social de memórias sobre o movimento social dos trabalhadores no ano de 1949 em Fernandópolis evidencia a disputa e a construção da memória

---

linguagens. São Paulo: Olho d'Água, 2006; KHOURY, Y. A. Muitas memórias, outras histórias: cultura e o sujeito na história. *In*: FENELON, D. R. *et al.* (Orgs.). **Muitas memórias, outras histórias**. São Paulo: Editora Olho d'Água, 2004.

<sup>5</sup> Cf. BARRIGUELLI, J. C. **Subsídios à história das lutas no campo em São Paulo (1870-1956)**. São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, Arquivo de História Contemporânea, 1981. v. 2; BISCARO NETO, N. **Memória e cultura na história da Frente Pioneira (Extremo Noroeste paulista – décadas de 40 e 50)**. Orientador: Estefânia Knotz Canguçu Fraga. 1993. 180 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Programa de Estudos Pós-Graduados em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1993; BRUSANTIN, B. M. **Na boca do sertão: o perigo político no interior do Estado de São Paulo (1930-1945)**. São Paulo: Arquivo do Estado, Imprensa Oficial do Estado, 2003. CHAIA, V. L. M. **Os conflitos de arrendatários em Santa Fé do Sul – SP (1959-1969)**. Orientador: José de Souza Martins. 1980. 163 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, 1980. REIS, N. **Tensões sociais no campo: Rubinéia e Santa Clara D'Oeste**. Orientador: Estefânia Knotz Canguçu. 1990. 255 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Programa de Estudos Pós-Graduados em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1990. VIEIRA, V. L. **Cooptação e resistência: um estudo sobre o movimento dos trabalhadores em São Paulo, de 1945 a 1950**. Orientador: Yvone Dias Avelino. 1989. 283 f. Tese (Mestrado História Social) – Programa de Estudos Pós-Graduados em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1989. WELCH, C. A.; GERALDO, S. **Lutas camponesas no interior paulista: memórias de Irineu Luís de Moraes**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. WELCH, C. A. **A semente foi plantada: as raízes paulistas do movimento sindical camponês no Brasil, 1924-1964**. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

em torno do termo “levante”, na descrição e interpretação dos movimentos sociais. Naquele momento histórico, a noção foi apropriada pelos agentes do DOPS<sup>6</sup>, pelos entes da Justiça e pela imprensa, sendo disseminada no social com o adjetivo “comunista”. Esse fato foi deliberado com o objetivo de criminalizar policial e politicamente os movimentos sociais dos trabalhadores que ocorriam desde 1946, pelo menos, na região de Fernandópolis.

Olhar em perspectiva para esse período do passado me levou a identificar a noção levante como um termo ambivalente, que não deve ser abandonado pelo historiador, pois descreve práticas de lutas e compõe a tradição de lutas dos movimentos sociais dos trabalhadores, sendo, assim, objeto da historiografia<sup>7</sup>. As disputas em torno da memória do movimento habilitam o uso do termo levante como um dos termos para a descrição das diversas lutas dos trabalhadores naquele período: alguns trabalhadores se “levantaram”, ou se

---

<sup>6</sup> Utilizo a sigla DOPS para Departamento de Ordem Política e Social, como órgão da Secretaria da Segurança Pública do Estado de São Paulo, como está impresso nos diversos documentos no período. O DOPS foi criado no estado de São Paulo em 30/12/1924 e a sigla DEOPS, para “Departamento Estadual de Ordem Política e Social”, tornou-se usual a partir de 1975, alterando inúmeras vezes a sua denominação durante todo esse período. Geralmente, a Seção Política do DOPS era encarregada de investigar e reprimir as organizações políticas e a Seção Social encarregada de investigar e reprimir os movimentos sindicais e diversos movimentos sociais por direitos trabalhistas e sociais, para, assim, forjar uma suspeição generalizada e estigmatizada sobre diversos sujeitos e organizações e movimentos.

<sup>7</sup> Cf. HOBSBAWM, E. J. **Mundos do trabalho: novos estudos sobre história operária**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. HOBSBAWM, E. J. **Os trabalhadores: estudos sobre a história do operariado**. 2. ed. São Paulo: Paz e terra, 2000. HOBSBAWM, E. J; RUDÉ, G. **Capitão Swing: a expansão capitalista e as revoltas rurais na Inglaterra do início do século XIX**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982. THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, v. 1, 1997. THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. v. 2. THOMPSON, E. P. **Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. THOMPSON, E. P. **Senhores e caçadores: a origem da Lei Negra**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

deslocaram politicamente em movimento social, para lutar contra o pagamento da renda da terra e os despejos das fazendas. Outros lutavam para minimizar a exploração do assalariamento, do armazém, do “câmbio negro” e das duras condições de vida. Outros, ainda, levantavam-se para lutar movidos pelo projeto da terra repartida, bem como de trabalhar na própria terra. Houve também aqueles trabalhadores que lutavam por uma “revolução agrária e comunista”<sup>8</sup>.

As lutas dos trabalhadores rurais naquele período foram forjadas na tensão e na relação com os grupos que exerciam poder na cidade e no campo. Os projetos elaborados para suas vidas têm a marca dessa experiência social: viviam num ambiente complexo, de forte pressão política por causa da Guerra Fria, ambiente político e social em que as tensões locais foram entremeadas e exacerbadas com as operações da Polícia Política e Social do Estado de São Paulo, o DOPS.

A partir de um esforço para não cometer anacronismo na interpretação daquele processo histórico vivido na metade do século XX – ponderando que a noção de revolução governava e moldava a vida de muitos trabalhadores (incluindo diversos deles em Fernandópolis, militantes ou não do PCB), foi a partir dessas perspectivas que os trabalhadores atribuíam significados às experiências e práticas –, é possível apreender a noção de revolução como “repertórios de resistência”, constituindo-se no contrateatro encenado pelos trabalhadores nas suas lutas pela terra, contra as violências e exploração das relações de trabalho (arrendamento, meia, colonato, assalariamento, entre outras) ou para a ampliação de direitos e reversão de injustiças. De fato, a revolução proletária e camponesa

---

<sup>8</sup> Cf. MOREIRA, V. J. **O levante comunista de 1949**: memórias e histórias da luta pela terra e da criminalização dos movimentos sociais de trabalhadores no Noroeste paulista. Cascavel, PR: Edunioeste, 2012.

não estava posta seriamente pelo próprio PCB e o “Manifesto de Janeiro de 1948” ou “Como enfrentar os problemas da revolução agrária e antiimperialista”, de autoria atribuída a Luís Carlos Prestes<sup>9</sup>, objetivava orientar o partido e seus militantes. No entanto, expressava-se um momento de radicalização do PCB diante da cassação do registro do partido e dos mandatos parlamentares. Contudo, o imaginário social em torno do projeto de uma revolução alimentava utopias, projetos e expectativas de muitos sujeitos e atravessava o social.

Para a interpretação histórica do levante comunista de 1949, problematizo narrativas orais produzidas em 1996 para a escrita do artigo sobre o “levante comunista”<sup>10</sup> e para o livro sobre a “história da cidade”<sup>11</sup>, obra que celebra a memória laudatória, fontes orais produzidas no desenvolvimento dessa pesquisa, processo criminal, relatórios policiais (DOPS), dentre outros materiais históricos.

Nesse capítulo, utilizo a narrativa oral de Oswaldo Felisberto, que é representativa para perscrutação do processo histórico em que memórias construíram histórias sobre o movimento social dos trabalhadores, comumente nomeado como levante comunista de 1949. A representatividade de determinadas entrevistas está relacionada aos campos de possibilidades e tendências presentes nas narrativas orais, os contornos dos procedimentos narrativos e simbólicos compartilhados socialmente – a experiência excepcional e os fatos excepcionais narrados. Como afirma Alessandro Portelli, “tal-

---

<sup>9</sup> PRESTES, L. C. Como enfrentar os problemas da revolução agrária e antiimperialista. **Problemas**, Rio de Janeiro, n. 9, p. 18-42, abr. 1948.

<sup>10</sup> COSTA, R. M. S.; MALACRIDA, P. M. M. M.; SUGAHARA, A. M. A. Semente comunista em solo conservador. In: PESSOTA, A. J. et al. **Fernandópolis**: nossa história, nossa gente. Fernandópolis: Bom Jesus, 1996.

<sup>11</sup> PESSOTA, A. J. et al. **Fernandópolis**: nossa história, nossa gente. Fernandópolis: Bom Jesus, 1996. p. 10-16

vez porque nos revelam o que foi possível”<sup>12</sup>. Os sujeitos, quando narram, atribuem sentidos às suas vivências e às vivências de outras pessoas. Nesse processo, a subjetividade desses sujeitos expressa significados, expectativas e “campos de possibilidades compartilhadas, reais ou imaginárias”<sup>13</sup>. A experiência narrada produz atos interpretativos do presente e do passado, marcados por procedimentos narrativos e simbólicos. Esses atos interpretativos se constituem em fatos históricos para o historiador.

Oswaldo Felisberto exerceu a profissão de contador logo que chegou à cidade de Fernandópolis, em 1943, e foi dentista prático por um longo período, talvez até o final da década de 1950, quando iniciou o curso de odontologia em Uberaba-MG, abandonando-o depois de um ano e meio de curso. Em 1952, foi também professor no colégio público em Fernandópolis. No início da década de 1960, ele começou a trabalhar na Casa da Lavoura da cidade e aposentou-se como funcionário da Secretária da Agricultura do Estado de São Paulo, lotado na cidade de São Paulo. Desde meados da década de 1940, posicionou-se politicamente como comunista e em 1951 foi eleito vereador, militando na cidade como mediador de movimentos sociais, principalmente, na luta em defesa dos interesses dos trabalhadores rurais. Em descrição elaborada por Yara Maria Felisberto, a sua filha, Oswaldo foi um eloquente orador e participava das reuniões do Partido Comunista, estando sempre muito próximo dos comunistas; porém, afirma-se, não participou do movimento de 1949.

---

<sup>12</sup> ALMEIDA, P. R.; KHOURY, Y. A. História oral e memórias: entrevista com Alessandro Portelli. **História & Perspectiva**, Uberlândia, n. 25/26. p. 27-54, jul./dez. 2001; p. 32, jan./jun. 2002.

<sup>13</sup> PORTELLI, A. A filosofia e os fatos. Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. **Tempo**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 72, 1996.

Oswaldo Felisberto, ao ser questionado sobre o levante comunista, em entrevista concedida a Áurea Maria de Azevedo Sugahara em 1996, explica:

Áurea Sugahara: Fala uma coisa senhor Oswaldo, em 1949 houve um levante comunista? O que o senhor saberia me dizer a respeito?

Oswaldo Felisberto: Não houve propriamente... Não houve o levante comunista. Lá o que houve foi o seguinte: era o tipo dos sem-terra, era o tipo do indivíduo sem-terra liderado por Antônio Joaquim. Antônio Joaquim mais uns guerrilheiros... guerrilheiros não, uns lavradores, não é! Que queriam desapropriar a fazenda do Veloso, lá em Ouroeste, onde Antônio Joaquim... onde Antônio Joaquim tinha fazenda. Então eles levantaram lá em... e vieram para tomá Fernandópolis. Mas não tomaram!

Áurea Sugahara: Não chegaram?

Oswaldo Felisberto: Não tomaram nada!

Áurea Sugahara: Houve uma tentativa?

Oswaldo Felisberto: Foram até no Caxi só. Foram até ali no Caxi. No Caxi eles voltaram... desmancharam tudo<sup>14</sup>.

A questão elaborada pela pesquisadora sobre o levante comunista ocorre no meio da entrevista de 32 minutos. Antes de tratar sobre o levante comunista, Felisberto fora motivado a falar sobre a “história política de Fernandópolis” e sobre os diversos sujeitos que exerceram o poder político local. As questões iniciais elaboradas por Áurea Sugahara e a narrativa de Oswaldo Felisberto constituem atos interpretativos sobre

---

<sup>14</sup> Oswaldo Felisberto. Santo André/SP, entrevista realizada por Áurea Maria de Azevedo Sugahara em 1996, sem data precisa. O trecho da entrevista citado não foi utilizado e problematizado no artigo pelas autoras, Cf. COSTA, R. M. S.; MALACRIDA, P. M. M. M.; SUGAHARA, A. M. A. Semente comunista em solo conservador. In: PESSOTA, A. J. *et al.* **Fernandópolis**: nossa história, nossa gente. Fernandópolis: Bom Jesus, 1996.

o presente e sobre o passado da cidade. O diálogo entre a entrevistadora e o entrevistado é iniciado a partir dessas questões, talvez diante das pressões políticas para elaboração do “livro sobre a história da cidade”. Felisberto também se sentia mais à vontade para falar a respeito desses temas. Parece que Felisberto estava reticente quanto a conceder a entrevista e falar sobre sua militância e sobre o “movimento comunista na cidade”.

A versão narrada por Oswaldo Felisberto modifica os fatos tal como eles ocorreram. Primeiro, os conflitos em torno da luta pela terra não estavam limitados à “desapropriação” da fazenda do Veloso. Segundo, os trabalhadores chegaram até Fernandópolis, não retornando do atual Córrego do Caxi, antigo Córrego da Capivara. Foi justamente no Córrego do Caxi que ocorreram os conflitos entre o inspetor de quartelão José Honório da Silva, que teve a sua casa e bar alvejados, e os trabalhadores, que de lá se deslocaram pouco depois para Fernandópolis. Em Populina, Guarani D’Oeste e no Córrego do Caxi, que naquele período constituíam-se em vilas pertencentes ao município de Fernandópolis, ocorreram conflitos armados. Tais fatos não se verificaram em Fernandópolis. Talvez tenha sido esse o motivo que levou Felisberto afirmar que não “houve levante comunista” na cidade, constituída por um núcleo urbano central, local em que residia Felisberto. A pergunta formulada corrobora a resposta de Felisberto. Certamente, a compreensão e os significados de um levante comunista para Felisberto não se encaixavam no movimento que ocorreu naquela noite de 23 para 24 de junho de 1949. Ademais, parece não estar mais certo no seu presente, 1996, que aquela era a melhor alternativa para a resolução dos problemas vividos pelos trabalhadores.

Das reminiscências de Osvaldo Felisberto emergem indícios dos conflitos em torno da luta pela terra, pois, em 1996, tempo presente da narrativa, relacionar o movimento de trabalhadores de 1949 à luta pela reforma agrária organizada pelo Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) é significativo dos sentidos atribuídos à luta dos trabalhadores durante as décadas de 1940 e 1950. Em muitas narrativas orais, as versões construídas sobre os movimentos sociais dos trabalhadores em Fernandópolis, especificamente o movimento de 1949, significam aquelas lutas como lutas pela terra ou reforma agrária, aproximando-as, histórica e politicamente, das lutas dos trabalhadores rurais sem-terra nos dias de hoje.

As memórias e os significados atribuídos por esses sujeitos históricos entrevistados às experiências vividas por eles ou por outros sujeitos foram formuladas dentro de um ambiente específico e de relações subjetivas estabelecidas entre entrevistadores e entrevistados, com as suas diversas práticas sociais, marcados pelo ambiente político e social que esses sujeitos ocuparam nesse processo histórico, bem como pelo momento das suas vidas naquele presente. As memórias de atos interpretativos, a partir das reminiscências formuladas em 1996 e no tempo presente desta pesquisa sobre o movimento de 1949, constituem um fato relevante na investigação de evidências de experiências, de modos de vida e de luta, assim como dos diversos projetos e memórias em disputa. Mesmo querendo negar a ocorrência do “levante”, os trabalhadores são inicialmente caracterizados como “guerrilheiros”.

Dentre todas as entrevistas realizadas pelo grupo de pesquisadores para elaboração do “livro sobre a história da cidade” e as entrevistas realizadas para a pesquisa, apenas a narrativa de Felisberto, mesmo que reelaborada logo a seguir,

identifica os trabalhadores com o termo “guerrilheiro”. É provável que o entrevistado identifique o movimento de luta pela terra organizada pelo MST como uma luta de guerrilha – política e revolucionária – que não se restringe à reforma agrária: a entrevista foi concedida em meados da década de 1990, justamente num período em que as tensões e diversos conflitos em torno da luta pela terra organizada pelo MST estavam em contundente evidência e visibilidade pública.

A relação pode ser compreendida à medida que se considera o momento da concessão da entrevista e como aquele tempo era vivido por Oswaldo Felisberto. Durante a década de 1950-60, Felisberto sofreu muito com a repressão policial, mudando várias vezes de cidade e vindo a falecer em Santo André, no ABC Paulista. Ele chegou morar com a família em Uberaba, onde começou a faculdade de odontologia, mas ali passou por sérios problemas e não concluiu o curso. Parece que as perseguições não estavam relacionadas apenas às suas atividades políticas, mas ao exercício da profissão de dentista prático. É provável que Felisberto relacione a repressão à atividade exercida como dentista prático à sua militância política, o que pode ter acontecido na realidade, mesmo considerando, no início da década de 1950, que a política do Serviço de Fiscalização do Exercício Profissional da Secretaria de Saúde do Estado de São Paulo tenha regulamentado a profissão e iniciado a repressão aos dentistas práticos.

Na década de 1950, por quatro vezes o consultório de Felisberto foi interdito (20/01/1951, 21/02/1952, 26/07/1955 e 04/09/1956), bem como indiciado em inquérito policial (e, posteriormente, processado) por “exercício ilegal da profissão”. Ainda como acadêmico de odontologia em Uberaba, no período entre 1957 e 1958, foi

investigado pela Delegacia de Polícia de Fernandópolis e inquirido em carta precatória pela Delegacia de Polícia de Uberaba, em função do exercício ilegal da profissão<sup>15</sup>.

Quando já trabalhava na Casa da Lavoura em Fernandópolis, logo após o golpe civil-militar em 1964, Felisberto foi preso em Fernandópolis e transferido para a prisão de Lins, estado de São Paulo, ali ficando preso por mais de um mês. Ao retornar, o seu cargo havia sido transferido para a cidade de Votuporanga, o que criou dificuldades para o exercício das atividades de Oswaldo Felisberto. Essas vivências foram experienciadas como transtornos e marcaram a vida de Oswaldo Felisberto e de toda a sua família. A sua filha Yara relata que “determinadas pessoas” delataram o seu pai para os militares por pura perseguição política, quando ele já não atuava mais no partido.

A discriminação e a perseguição política fizeram-se presentes no enredo das entrevistas de Yara Felisberto e de Idelma Felisberto, filha e esposa, respectivamente, de Oswaldo Felisberto, sendo interpretado pelas entrevistadas como pressões para os diversos deslocamentos até a fixação de moradia em Santo André. Como afirma Yara, “nos empurraram pra fora da cidade”. O meu primeiro contato com Yara foi por telefone, que se mostrou, desde o início, reticente em relação à realização da sua entrevista e, na entrevista com sua mãe, afirmando: “a gente não lembra de nada”, “a mãe não sente à vontade para falar”, “eliminamos essa fase da nossa vida”, entre outras frases denotativas de um passado que deveria continuar onde estava – no passado, “esquecido”.

---

<sup>15</sup> DELEGACIA DE POLÍCIA DE FERNANDÓPOLIS. Prontuário 473 – Oswaldo Felisberto. Em “Comunicação Criminal do Juízo de Direito da Comarca de Fernandópolis” à Delegacia de Polícia de Fernandópolis, Of. n. 232, de 6 de abril de 1960, anexada no Prontuário, informa que Felisberto foi absolvido.

A narrativa de Idelma Felisberto está marcada por frases significativas a respeito de como vivenciaram essas experiências e do trabalho da memória, em que busca esquecer-se do vivido:

E... deixa eu ver o que mais **posso dizer**, que eu posso **me lembrar!** [...] **a vida aqui foi meio dura!** [...] Porque o movimento deles iam crescendo e os outros achavam ruim, então começou a perseguição. Foi isso! **Eu não me lembro mais nada**<sup>16</sup>.

Narrativas entremeadas de silêncios e reticências, carregadas de digressões, reforçam os sentidos atribuídos à experiência vivida como tempos que foram vividos em meio a tensões, conflitos e privações. A narrativa fragmentada de Idelma Felisberto parece querer reforçar a imagem de um tempo que não foi apenas difícil de ser vivido, mas também difícil de ser lembrado.

Embora o processo de composição das memórias e as reminiscências do vivido constituíssem um processo traumático e dolorido para a família, Yara Felisberto identificou os sentidos das lutas do seu pai e daquele tempo:

Yara Maria Felisberto: Então eu acho que naquele tempo, eu acho que eles eram muito idealistas. Eles desenvolviam as ideias deles, preconizavam um mundo bom. Um mundo onde todo mundo fosse feliz, onde todos pudessem ter um pedaço de chão, o seu... a sua... o seu trabalho de uma forma tranquila. Isso daí incomodou muito, porque em uma época que predominava o latifúndio, eram os grandes proprietários de terras, né! As terras eram ainda muito pouco, assim..., era uma concentração de terras muito grande

---

<sup>16</sup> Idelma Felisberto. Fernandópolis/SP. 19/08/2006. Acervo do pesquisador. (grifo nosso).

nas mãos de poucos, então falava em reforma agrária, era complicado, e a bandeira deles era a reforma agrária!

Pesquisador: Era?

Yara Maria Felisberto: E até hoje ainda é, e tá aí a briga por causa de terra e é uma confusão que parece que não tem fim! Mas naquele tempo não era assim uma coisa tão... Principalmente eles que viviam na cidade, que pregavam a... reforma agrária como uma divisão assim..., mais de uma forma tranquila, não era de uma forma..., não sei em outros grupos como é que as coisas aconteciam, mas entre eles eram uma coisa...<sup>17</sup>.

No processo histórico e social de construção das memórias e dos sentidos atribuídos ao movimento dos trabalhadores, o presente é sempre referenciado como um contraponto da lembrança. A luta pela terra atualmente, empreendida pelos movimentos dos trabalhadores rurais sem-terra, significada como uma “briga por causa de terra” e “confusão que parece que não tem fim”, permeia a elaboração da versão sobre o movimento de 1949 e das lutas dos trabalhadores “naquele tempo”. A utilização do presente como referência tem sentido de suavizar as práticas de luta no final da década de 1940 e início da década seguinte: a prática de luta pela terra emerge na entrevista como uma “forma tranquila”. Yara Felisberto chama a atenção para os conflitos vividos numa “época que predominava os latifúndios” e de “grandes proprietários de terra” – elementos intrínsecos, em qualquer tempo, aos conflitos e lutas diversas dos trabalhadores pela terra.

Naquele tempo, Oswaldo Felisberto era firme e convicto nas posições que assumia, conforme os seus

---

<sup>17</sup> Yara Maria Felisberto. Fernandópolis/SP. 12/08/2006. Acervo do pesquisador. Yara nasceu em 22/02/1950. Foi professora de História, Diretora de Escola e aposentou-se como Supervisora de Ensino em Santo André, Estado de São Paulo.

posicionamentos durante as sessões da Câmara Municipal de Fernandópolis<sup>18</sup>. Quando questionada em sua entrevista sobre suas memórias sobre o levante comunista e sobre as lutas daqueles tempos, Idalina Maldonado atribui a Oswaldo Felisberto a autoria de uma palavra de ordem, provavelmente entoada desde os movimentos sociais de 1946:

Idalina Maldonado: Nós fizemos passeata, que até o Oswaldo Felisberto fez aquele versinho: “Leite, carne e pão, açúcar sem cartão, o povo organizado combate a reação”. Isso é bonito, isso foi Oswaldo Felisberto, ele também era, assim, bem influente.

Pesquisador: Como era? Leite...

Idalina Maldonado: Leite, carne e pão, açúcar sem cartão, o povo organizado combate a reação.

Pesquisador: “Sem cartão”, porque era controlado?

Idalina Maldonado: Era controlado, tinha que tê o cartão pra comprá o açúcar, o querosene, o óleo<sup>19</sup>.

---

<sup>18</sup> ATA DA REUNIÃO DA CÂMARA MUNICIPAL DE FERNANDÓPOLIS EM SUA 6ª SESSÃO ORDINÁRIA EM 1 DE ABRIL DE 1952 apud FERNANDÓPOLIS-JORNAL. Semanário, n. 358, 25 de maio de 1952, p. 1.

<sup>19</sup> Idalina Maldonado. Fernandópolis, 13/07/2005. Acervo do pesquisador. (Grifo nosso). Idalina nasceu em 03/10/1912 em Catiguá/SP (antiga Ibarra). Idalina, junto com o marido José Maldonado, participava das atividades relacionadas ao PCB na cidade. José Maldonado fora fichado no DOPS, Cf. Prontuário 73.253 – José Maldonado. DEOPS/SP, DAESP. De acordo com as suas próprias memórias, Idalina, junto com outras mulheres, fazia parte da “Associação Feminina” do partido na cidade. A entrevista com Idalina foi concedida com a presença dos seus filhos e realizada no período de elaboração do projeto de pesquisa, num momento em que não vislumbrava a problemática central da tese. Durante a entrevista, Hélio Maldonado, um dos seus filhos, participou, efetivamente, tecendo comentários e respondendo a indagações que eram direcionadas para a sua mãe. Na entrevista Idalina e Hélio em alguns momentos chegaram a negar a ocorrência do levante comunista. Idalina Maldonado, em entrevista para as autoras do artigo “Semente comunista em solo conservador”, faz alusão ao verso, mas sem atribuí-lo a Oswaldo Felisberto, Cf. COSTA, R. M. S.; MALACRIDA, P. M. M. M.; SUGAHARA, A. M. A. Semente comunista em solo conservador. *In*: PESSOTA, A. J. *et al.* **Fernandópolis**: nossa história, nossa gente. Fernandópolis: Bom Jesus, 1996.

O conteúdo do verso tinha significados sociais para os trabalhadores daquele tempo. Para Alessandro Portelli, o fato de narradores comporem as suas narrativas com “materiais formalizados”, máximas, provérbios, ditos populares, entre outras formas, pode indicar “o grau no qual um ponto de vista coletivo existe dentro da narrativa do indivíduo”. A história de determinados eventos “são contadas repetidas vezes ou discutidas com membros da comunidade; a narrativa formalizada, mesmo a métrica, pode ajudar a preservar uma versão textual de um evento”<sup>20</sup>. Parece ser esse o caso das reminiscências de Idalina Maldonado, ao se lembrar do verso depois de décadas. Esse fato me leva a presumir que inúmeras foram as ocasiões em que a máxima fora entoada nas diversas manifestações e movimentos do período. O versinho atribuído poeticamente a Oswaldo Felisberto desvela as condições de vida, vividas como pressões, naquele final da década de 1940. Parece que o conteúdo da palavra de ordem compunha-se nos diversos aforismos impressos nos periódicos comunistas do período. Todavia, o fato de Oswaldo Felisberto entoá-la ou ser mesmo o autor da máxima, permite afirmar que ele assumia a frente nas passeatas ou nas concentrações de trabalhadores rurais que ocorriam na cidade.

Em 22 de outubro de 1946, o delegado de polícia de Fernandópolis, Antonio Espinhel Castelo Branco, produziu um relatório policial para o inquérito policial instaurado contra Felisberto e José Ramos Filho, disponível no prontuário de Oswaldo Felisberto no DOPS:

---

<sup>20</sup> PORTELLI, A. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre ética na história oral. Projeto História, São Paulo, EDUC. 15, p. 13-49, abr. 1997. p. 30; 33

Relatório. De acordo com o determinado pelo despacho de folhas, esta Delegacia prosseguiu o presente inquérito policial instaurado pela Delegacia de Ordem Social, do que apurou esta Delegacia e que constam dos presentes autos, os indiciados José Ramos Filho e Oswaldo Felisberto, são os responsáveis pela distribuição nesse município dos boletins subversivos ‘Contra o Vale e o Barracão’, dos quaes (sic) existem dois exemplares constantes de fls. 4 e 5, nesses autos. Esses boletins vieram por via postal, procedentes da Capital do Estado, do partido comunista da citada Capital, dirigidos ao partido comunista local. Os indiciados são membros nesse partido, donde se vê que a distribuição desses boletins importa em responsabilidade desse mesmo partido comunista, mesmo porque esses boletins, como ficou dito e estabelecido está nesses autos pelas declarações do comunista Jerosino Pereira, esses boletins vieram do partido comunista da Capital do Estado. Fernandópolis, 22 de outubro de 1946. Delegado de Polícia (a) Antonio Espinhal Castelo Branco<sup>21</sup>.

A ação do DOPS, em 1946, em um momento em que o PCB ainda não havia sido cassado e colocado na ilegalidade, denuncia evidências do processo de criminalização policial e política dos movimentos sociais de trabalhadores. O relatório intenta criminalizar Oswaldo Felisberto por distribuir panfletos no ambiente rural de Fernandópolis, evidência da sua militância política.

Nas declarações para o inquérito policial do arrendatário de terras José Ramos Filho, Oswaldo Felisberto é identificado como um dos principais representantes da Liga Camponesa de Fernandópolis e informa que recebeu o boletim “Contra o Vale e Barracão”, de Felisberto. O boletim parece ter sido distribuído em toda região. Ele informa que:

---

<sup>21</sup> Prontuário 69.800 – Oswaldo Felisberto. DEOPS/SP, DAESP.

O vale é um roubo. Tudo no ‘Barracão’ é mais caro e mais ordinário. O contrato de arrendamento obriga a entregar ao patrão quasi (sic) tudo o que possuímos. Trabalha-se o ano inteiro, de sol a sol, mas a vida é cada vez pior. A fome dos filhos e da mulher cresce e as doenças aumentam. Não temos médicos e os remédios são cada dia mais caros. Tudo isso porque a terra não nos pertence. Precisamos conseguir um contrato melhor com os patrões. Não podemos continuar a entregar da terra tudo o que tiramos. Lutemos contra tanta miséria, contra tanta exploração, contra as brutalidades policiais, contra as perseguições e injustiças. Para isso precisamos unir nossas forças. Vamos, juntos, organizar uma LIGA CAMPONESA. Assim organizados, havemos de vencer!<sup>22</sup>

O panfleto descreve os modos de trabalhar e de exploração dos trabalhadores pelo vale, barracão, contratos de arrendamento das terras<sup>23</sup>, carência e privação simbolizadas no termo “fome”, assim como as péssimas condições de saúde e a carestia dos remédios. O documento expressa uma postura política, já que conclama os trabalhadores para luta contra as injustiças e contra truculência policial. Oswaldo

---

<sup>22</sup> PANFLETO Contra o Vale e o Barracão. Prontuário 6585 – Associação Agropecuária de São José do Rio Preto, DEOPS/SP, DAESP. Prontuário 73.257 – Liga Camponesa. DEOPS/SP, DAESP.

<sup>23</sup> Irineu Luís de Moraes, nas suas memórias sobre a sua militância política, atuando nas fazendas da região de São José do Rio Preto no início da década de 1950, afirma que, diante da complexidade da composição e de interesses dos trabalhadores rurais, a proposta de reforma agrária sempre era mais receptiva aos arrendatários de terra: “Com os arrendatários podia-se entrar direto na discussão sobre reforma agrária. Eles aceitavam porque estavam arrendando três alqueires de terra do fazendeiro pelo olho da cara. Nesses três alqueires eles trabalhavam, se molhavam de suor, passavam fome para colher um arrozinho, feijão ou milho e com isso pagar o arrendamento da terra do fazendeiro e sair com a mão abanando. Se alguém falasse em reforma agrária, eles seriam capazes de sair correndo e tomar a terra do fazendeiro violentamente. Eles aceitavam a ideia como também aceitavam o pequeno sitiante, o pequeno proprietário” (WELCH, C.; GERALDO, S. **Lutas camponesas no interior paulista**: memórias de Irineu Luís de Moraes. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. p. 153).

Felisberto foi, então, processado e fichado no DOPS pela distribuição desse panfleto<sup>24</sup>.

Nesse momento, o PCB ainda estava na legalidade. Certamente, a autoria do material pode ser atribuída à direção estadual do PCB, embora o boletim tenha sido usado como documento de prova em prontuários de trabalhadores na região de Fernandópolis e da Associação dos Trabalhadores Rurais de São José do Rio Preto, como evidencia o chamamento para a organização da Liga Camponesa<sup>25</sup>. A política de organização dos trabalhadores rurais em ligas camponesas ou em “associações de camponeses” constituía a forma de organização definida pelo PCB paulista, a partir de 1946<sup>26</sup>. A historiografia sobre as ligas camponesas<sup>27</sup> tem

---

<sup>24</sup> Prontuário 69.800 – Oswaldo Felisberto, DEOPS/SP, DAESP.

<sup>25</sup> Diante da impossibilidade legal da constituição de “sindicatos de trabalhadores do campo”, a alternativa encontrada foi a organização de ligas camponesas. O Prontuário do “Partido Comunista Brasileiro” organizado pelo DOPS, no Estado de São Paulo, foi documentado com os “Estatutos da Liga Camponesa (Projeto de Estatuto)”. SECRETARIA SINDICAL, 23 de janeiro de 1946. Prontuário 2431, 14<sup>o</sup> volume – PARTIDO COMUNISTA BRASILEIRO. DEOPS/SP, DAESP.

<sup>26</sup> Sobre a legislação sindical e a orientação do PCB para as lutas no campo, Maria Isabel Lemes Faleiros afirma que “Apesar da Consolidação das Leis Trabalhistas promulgada dois anos antes, de acordo com o Decreto 5452, beneficiá-los. A legislação sindical complementar [Decreto-Lei n. 7038 de 10 de novembro de 1944 e Portaria n. 44 de 19 de março de 1945, conforme informa a nota da própria autora] permitia aos proprietários e arrendatários se organizarem separadamente dos trabalhadores com ‘subordinação remunerada’, enquanto os pequenos produtores – parceiros, arrendatários e pequenos proprietários – eram contemplados com uma regulamentação especial de 1945 que os excluía dos sindicatos dos trabalhadores rurais colocando-os sob associações de caráter técnico-econômico” (FALEIROS, M. I. L. **Percursos e percalços do PCB no campo (1922-1964)**. Orientador: Jose Cesar Aprilanti Gnaccarini. 1989. 243 f. Dissertação (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, 1989. p. 112-113).

<sup>27</sup> Cf. RANGEL, M. S. **Medo da morte e esperança de vida: uma história das ligas camponesas**. Orientador: Durval Muniz Albuquerque Junior, . 2000. 372 f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000. Referências esparsas sobre as experiências de organização das “ligas camponesas” no interior do Estado

privilegiado essas práticas de organização e mobilização dos trabalhadores rurais apenas no Nordeste brasileiro, nas décadas de 1950-1960, talvez pela visibilidade política que aqueles movimentos tenham conquistado e ignorar os movimentos sociais do campo, no interior paulista. A obra de Edgar Carone parece fundar essa perspectiva historiográfica:

Outra problemática, que surge tardiamente no processo brasileiro, é a que resulta da maior consciência de classe, e que se traduz também no conflito pela posse da terra: é a dos que trabalham contra os que a possuem. Os primeiros movimentos são os das Ligas Camponesas no Nordeste, que surgem na década de 1950<sup>28</sup>.

O processo histórico de ocultação de experiências sociais dos trabalhadores rurais e camponeses, nos seus diversos movimentos de luta por transformações sociais, tem sido utilizado na composição do saber histórico hegemônico. Talvez, o levante de trabalhadores de 1949, os demais movimentos sociais contra relações de trabalho de exploração e de luta pela terra, que ocorreram no período das décadas de 1940 e 1950,

---

de São Paulo, Cf. FALEIROS, M. I. L. **Percursos e percalços do PCB no campo (1922-1964)**. Orientador: Jose Cesar Aprilanti Gnaccarini. 1989. 243 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, 1989; MEDEIROS, L. S. **Lavradores, trabalhadores agrícolas, camponeses: os comunistas e a constituição de classes no campo**. Orientador: Maria de Nazare Baudel Wanderley. 1995. 295 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Programa de Doutorado em Ciências Sociais da Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, Campinas, 1995. Sobre as ligas camponesas no Brasil, Cf. AUED, B. W. **A vitória dos vencidos: Partido Comunista Brasileiro – PCB – e ligas camponesas, 1955-64**. Florianópolis: UFSC, 1986. AZEVEDO, F. A. **As ligas camponesas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. BASTOS, E. R. **As ligas camponesas**. Petrópolis: Vozes, 1984. MORAIS, C. S. História das ligas camponesas do Brasil. In: STÉDILE, J. P. (Org.). **História e natureza das ligas camponesas**. São Paulo: Expressão Popular, 2002.

<sup>28</sup> CARONE, E. **A Quarta República (1945-1964): documentos**. São Paulo: Difel, 1980. p. 300

sejam as “causas perdidas no passado poderiam ser ganhas no presente”, parafraseando E. P. Thompson<sup>29</sup>, uma vez que no presente tem ocorrido na região próxima a Fernandópolis diversas ocupações de terras, acampamentos e assentamentos, organizados pelos trabalhadores rurais sem terra.

A memória dividida<sup>30</sup> de alguns sujeitos entrevistados se limitou em afirmar que o levante comunista de 1949 ao medo, provocou na cidade, a “ameaça comunista” ou que não se recordam do fato. A partir dessa perspectiva, o movimento dos trabalhadores, em 1949, é caracterizado como algo que não aconteceu ou reduzido à tentativa de “invasão” da cidade por comunistas. As disputas políticas em torno de quais memórias e histórias devem ser narradas e lembradas marcam as histórias da cidade e, nesse embate, a correlação de forças parece ter ganhado pelas classes dominantes e dirigentes da cidade. Todavia, não tem sido suficiente para silenciar memórias dissidentes sobre o presente e o passado dos trabalhadores e os seus movimentos sociais.

As tensões em torno das memórias e histórias narradas mobilizaram os trabalhadores na luta para afirmar memórias e histórias de classe. Percebe-se o quanto é relevante para a mobilização e organização da classe a celebração de uma memória de classe, com marcos históricos próprios, datas e eventos. Um ano após o movimento de trabalhadores de 1949 em Fernandópolis, foi organizada uma festa em Populina, de onde os trabalhadores saíram para o movimento em direção a Fernandópolis, na noite de 23 para 24 de junho de 1949. Com o título reportagem “Aniversário

---

<sup>29</sup> Cf. THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa** - A árvore da liberdade. Tradução de Denise Bottmann. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. v. 1

<sup>30</sup> Cf. PORTELLI, A. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana: 29 de junho de 1944): mito, política, luto e senso comum. In: AMADO, J.; FERREIRA, M. M. (Coords.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

da luta em Fernandópolis”, o periódico do PCB *Voz Operária* noticiou que no “sertão de Fernandópolis”, os trabalhadores se mobilizaram contra a exploração dos latifundiários:

No dia 23 de junho [de 1950], comemorado o aniversário do **levante**, os camponeses realizaram um ‘terço’ e um grande baile, em que compareceram mais de 350 pessoas. Falaram ao povo o líder camponês Zé Cearense e o vereador de Prestes, Mario Longo, que alegria [...]. Mario Longo – Votuporanga, 28 de junho de 1950<sup>31</sup>.

Mario Longo, autor do comunicado publicado na imprensa pecebista, vereador e trabalhador residente em Votuporanga naquele período, cidade localizada a pouco mais de 30 quilômetros de Fernandópolis, foi processado por participar como “vereador de Prestes” no “II Congresso das Municipalidades” em Ribeirão Preto, ocorrido em junho de 1949<sup>32</sup>. Não apenas para Mario Longo, que participou do evento comemorativo em Populina, mas certamente para muitos dos seus companheiros, o movimento ocorrido em Fernandópolis em 1949 se tratava de um levante e se constituía como um marco da luta dos trabalhadores na região, um momento em que os trabalhadores compartilharam sonhos e projetos para suas vidas. Para Mario Longo, a celebração se constituía no espaço de sociabilidade, de “alegria”, além de solidariedade e luta.

A questão relevante é o fato de que em 1950 parecia significativo celebrar a luta de trabalhadores por seus direitos e na luta pela terra. Entretanto, alguma coisa se perdeu nesse processo histórico, que, dialeticamente, relaciona presente e passado, e as lutas dos trabalhadores daquele período parece

---

<sup>31</sup> VOZ OPERÁRIA, n. 61, 22/07/1950, p. 10 (Grifo nosso).

<sup>32</sup> Prontuário 76.273 – Mario Longo. DEOPS/SP, DAESP.

não compor as tradições e memórias dos trabalhadores no presente.

## Referências

ALMEIDA, P. R.; KHOURY, Y. A. História oral e memórias: entrevista com Alessandro Portelli. **História & Perspectiva**, Uberlândia, n. 25/26. p. 27-54, jul./dez. 2001; jan./jun.2002.

AUED, B. W. **A vitória dos vencidos: Partido Comunista Brasileiro – PCB – e ligas camponesas, 1955-64.** Florianópolis: UFSC, 1986.

AZEVEDO, F. A. **As ligas camponesas.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

BASTOS, E. R. **As ligas camponesas.** Petrópolis: Vozes, 1984.

BARRIGUELLI, J. C. **Subsídios à história das lutas no campo em São Paulo (1870-1956).** São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, Arquivo de História Contemporânea, 1981. v. 2.

BISCARO NETO, N. **Memória e cultura na história da Frente Pioneira (Extremo Noroeste paulista – décadas de 40 e 50).** 1993. 180. f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Programa de Estudos Pós-Graduados em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1993.

BRUSANTIN, B. M. **Na boca do sertão: o perigo político no interior do Estado de São Paulo (1930-1945).** São Paulo: Arquivo do Estado, Imprensa Oficial do Estado, 2003.

CARONE, E. A **Quarta República (1945-1964)**: documentos. São Paulo: Difel, 1980.

CHAIA, V. L. M. **Os conflitos de arrendatários em Santa Fé do Sul – SP (1959-1969)**. 1980. 163 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, 1980.

COSTA, R. M. S.; MALACRIDA, P. M. M. M.; SUGAHARA, A. M. A. Semente comunista em solo conservador. *In*: PESSOTA, A. J. *et al.* **Fernandópolis: nossa história, nossa gente**. Fernandópolis: Bom Jesus, 1996.

FALEIROS, M. I. L. **Percursos e percalços do PCB no campo (1922-1964)**. 1989. 243 f. Dissertação (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, 1989.

FALEIROS, M. I. L. **Percursos e percalços do PCB no campo (1922-1964)**. 1989. 243 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, 1989.

GRUPO MEMÓRIA POPULAR. Memória popular: teoria, política, método. *In*: FENELON, D. R. *et al.* **Muitas memórias, outras histórias**. São Paulo: Editora Olho d'Água, 2004.

HOBSBAWM, E. J. **Mundos do trabalho**: novos estudos sobre história operária. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

HOBSBAWM, E. J. **Os trabalhadores**: estudos sobre a história do operariado. 2. ed. São Paulo: Paz e terra, 2000.

HOBBSBAWM, E. J; RUDÉ, G. **Capitão Swing**: a expansão capitalista e as revoltas rurais na Inglaterra do início do século XIX. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

HOBBSBAWM, E. J. **Sobre história**. Tradução de Cid Knipel Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

KHOURY, Y. A. Historiador, as fontes orais e a escrita da história. *In*: ALMEIDA, P. R; KHOURY, Y. A.; MACIEL, L. A. (Orgs.). **Outras histórias**: memórias e linguagens. São Paulo: Olho d'Água, 2006.

KHOURY, Y. A. Muitas memórias, outras histórias: cultura e o sujeito na história. *In*: FENELON, D. R. *et al.* (Orgs.). **Muitas memórias, outras histórias**. São Paulo: Editora Olho d'Água, 2004.

MEDEIROS, L. S. **Lavradores, trabalhadores agrícolas, camponeses**: os comunistas e a constituição de classes no campo. 1995. 295 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Programa de Doutorado em Ciências Sociais da Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, Campinas, 1995.

MORAIS, C. S. História das ligas camponesas do Brasil. *In*: STÉDILE, J. P. (Org.). **História e natureza das ligas camponesas**. São Paulo: Expressão Popular, 2002.

MOREIRA, V. J. **O levante comunista de 1949**: memórias e histórias da luta pela terra e da criminalização dos movimentos sociais de trabalhadores no Noroeste paulista. Cascavel, PR: Edunioeste, 2012.

PESSOTA, A. J. *et al.* **Fernandópolis**: nossa história, nossa gente. Fernandópolis: Bom Jesus, 1996. p. 10-16

PORTELLI, A. A filosofia e os fatos. Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. **Tempo**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 59-72, 1996.

PORTELLI, A. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana: 29 de junho de 1944): mito, política, luto e senso comum. *In*: AMADO, J.; FERREIRA, M. M. (Coords.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

PRESTES, L. C. Como enfrentar os problemas da revolução agrária e antiimperialista. **Problemas**, Rio de Janeiro, n. 9, p. 18-42, abr. 1948.

RANGEL, M. S. **Medo da morte e esperança de vida**: uma história das ligas camponesas. 2000. 372 f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

REIS, N. **Tensões sociais no campo**: Rubinéia e Santa Clara D'Oeste. 1990. 255 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Programa de Estudos Pós-Graduados em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1990.

THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. v. 2

THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. v. 1

THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa** - A árvore da liberdade. Tradução de Denise Bottmann. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. v. 1

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**: estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

THOMPSON, E. P. **Senhores e caçadores**: a origem da Lei Negra. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

VIEIRA, V. L. **Cooptação e resistência**: um estudo sobre o movimento dos trabalhadores em São Paulo, de 1945 a 1950. 1989. 283 f. Tese (Mestrado História Social) – Programa de Estudos Pós-Graduados em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1989.

WELCH, C. A. **A semente foi plantada**: as raízes paulistas do movimento sindical camponês no Brasil, 1924-1964. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

WELCH, C. A.; GERALDO, S. **Lutas camponesas no interior paulista**: memórias de Irineu Luís de Moraes. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.